



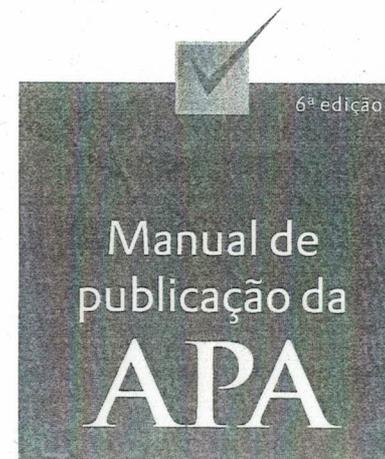
M294 Manual de publicação da APA / American Psychological Association ;
tradução: Daniel Bueno ; revisão técnica: Maria Lucia Tiellet Nunes. –
6. ed. – Porto Alegre : Penso, 2012.
304 p. : il. ; 25 cm.

ISBN 978-85-63899-90-3

1. Pesquisa científica – Psicologia. 2. Trabalho científico –
Normatização. I. American Psychological Association.

CDU 159.9:001.891(035)

Catálogo na publicação: Ana Paula M. Magnus – CRB 10/2052



American Psychological Association

Tradução:
Daniel Bueno

Consultoria, supervisão e revisão técnica desta edição:
Maria Lucia Tiellet Nunes
Psicóloga. Doutora em Psicologia Clínica.
Professora da Faculdade de Psicologia da PUCRS.



Obra originalmente publicada sob o título *Publication Manual of the American Psychological Association*, Sixth Edition, ISBN 9781433805615, publicado por The American Psychological Association nos Estados Unidos da América.

© 2010 The American Psychological Association.

This Work has been translated and republished in the Portuguese language by permission of the APA. This translation cannot be republished or reproduced by any third party in any form without express written permission of the APA. No part of this publication may be reproduced or distributed in any form or by any means, or stored in any database or retrieval system without prior permission of the APA.

Portuguese language translation © 2012 by Penso Editora, a Grupo A Educação S.A. Company.

Capa
Paola Manica

Leitura final
Jonas Stocker

Editora responsável por esta obra
Livia Allgayer Freitag

Coordenadora editorial
Mônica Ballejo Canto

Gerente editorial
Letícia Bispo de Lima

Projeto e editoração

Armazém Digital® Editoração Eletrônica – Roberto Carlos Moreira Vieira

Reservados todos os direitos de publicação, em língua portuguesa, à
PENSO EDITORA LTDA., uma empresa do GRUPO A EDUCAÇÃO S.A.
Av. Jerônimo de Ornelas, 670 – Santana
90040-340 – Porto Alegre – RS
Fone: (51) 3027-7000 Fax: (51) 3027-7070

É proibida a duplicação ou reprodução deste volume, no todo ou em parte, sob quaisquer formas ou por quaisquer meios (eletrônico, mecânico, gravação, fotocópia, distribuição na Web e outros), sem permissão expressa da Editora.

SÃO PAULO
Av. Embaixador Macedo Soares, 10.735 – Pavilhão 5
Cond. Espace Center – Vila Anastácio
05095-035 – São Paulo – SP
Fone: (11) 3665-1100 Fax: (11) 3667-1333

SAC 0800 703-3444 – www.grupoa.com.br

Equipe Editorial da APA

FORÇA-TAREFA DE REVISÃO DO MANUAL DE PUBLICAÇÃO

Mark Appelbaum, Chair
Lillian Comas-Diaz
Harris Cooper
Leah Light
Peter Ornstein
Lois Tetrick

EDITOR-CHEFE

Gary R. VandenBos

DIRETORA DE PROJETO

Mary Lynn Skutley

EDITORES SENIORES

Anne Woodworth Gasque
Paige Jackson

GRUPOS DE TRABALHO DE REVISÃO DO MANUAL DE PUBLICAÇÃO

Linguagem Não Tendenciosa

Lillian Comas-Diaz, Co-Chair
Peter Ornstein, Co-Chair
Norman Abeles
Kevin Cokley
Sari H. Dworkin
Alba A. Ortiz
Denise Sekaquaptewa
Nathan Grant Smith
Glen W. White

Ética

Leah L. Light, Co-Chair
Lois Tetrick, Co-Chair
Celia B. Fisher
Lenore W. Harmon
Mieke Verfaellie

Elementos Visuais

Mark Appelbaum, Co-Chair
Lois Tetrick, Co-Chair
John Jonides
Penny Pexman
David Thissen
Howard Wainer

Normas de Publicação para Artigos Científicos (JARS)

Mark Appelbaum, Co-Chair
Harris Cooper, Co-Chair
Scott E. Maxwell
Valerie F. Reyna
Kenneth J. Sher
Arthur Stone

Referências

Mark Appelbaum, Co-Chair
Peter Ornstein, Co-Chair
Susan Herman
Annie Hill

Estatísticas

Mark Appelbaum, Co-Chair
Harris Cooper, Co-Chair
Geoff Cumming
Michael Edwards
Joel Levin
Abigail Panter

Estilo de Escrita

Leah L. Light, Co-Chair
Peter Ornstein, Co-Chair
David F. Bjorklund

Quarto parágrafo: Pessoa a contatar (endereço para correspondência, correio eletrônico). Indique um endereço completo para correspondência. Conclua este parágrafo com um endereço de correio eletrônico e sem ponto.

Jane Doe, Department of Psychology, University of Illinois at Urbana-Champaign; John Smith, Department of Educational Psychology, University of Chicago.

John Smith is now at Department of Psychology, University of California, San Diego.

This research was supported in part by grants from the National Institute on Aging and from the John D. and Catherine T. MacArthur Foundation.

Correspondence concerning this article should be addressed to Jane Doe, Department of Psychology, University of Illinois, Champaign, IL 61820. E-mail: jdoe@uiuc.edu

Coloque a nota do autor nesta página de título, abaixo do título, da linha de autores e da afiliação. Centralize o título *Author Note*. Inicie cada parágrafo da nota com um recuo, e digite parágrafos separados para os nomes dos autores e atuais filiações, alterações nas filiações, agradecimentos e circunstâncias especiais, se houver, juntamente com a pessoa para contato. A nota do autor não é numerada nem citada no texto.

2.04 *Abstract* (Resumo)

O *abstract* é o texto sucinto e abrangente dos conteúdos do artigo; ele permite que os leitores verifiquem os conteúdos rapidamente e, assim como o título, ele permite que as pessoas interessadas no documento o localizem em serviços de informação e indexação. A maioria dos periódicos científicos exigem um *abstract*.

Um *abstract* bem preparado pode ser o parágrafo mais importante em um artigo. A maioria das pessoas terá seu primeiro contato com um artigo vendo apenas o *abstract*, geralmente em comparação com vários outros *abstracts*, enquanto fazem uma busca na literatura. Muitas vezes é com base no *abstract* que os leitores decidem se irão ler o artigo inteiro. O *abstract* precisa ser rico em informações. Incluindo palavras-chave em seu *abstract*, você aumenta a possibilidade de que o usuário o encontre. Um bom *abstract* é

- **preciso:** Certifique-se de que o *abstract* reflete corretamente o propósito e o conteúdo do manuscrito. Não inclua no *abstract* informações que não estejam presentes no texto do manuscrito. Se o estudo amplia ou replica pesquisas anteriores, indique isso no *abstract* e cite o sobrenome do autor e o ano do trabalho relacionado. Uma boa maneira de verificar a precisão de um *abstract* é compará-lo com um esboço dos títulos do trabalho.

- **não avaliativo:** Em vez de avaliar, descreva; não faça acréscimos nem comente sobre o que está presente no texto do artigo.
- **coerente e legível:** Escreva com uma linguagem clara e concisa. Use verbos em vez de seus substantivos equivalentes e a voz ativa mais do que a passiva (p. ex., *investigated* em vez de *an investigation of*; *The authors presented the results* em vez de *Results were presented*). Use o tempo presente para descrever conclusões ou resultados com aplicação contínua; use o passado para descrever variáveis específicas manipuladas ou resultados medidos.
- **conciso:** Seja breve e faça com que cada frase seja o mais informativa possível, principalmente a frase inicial. Inicie o *abstract* com as informações mais importantes. Não desperdice espaço repetindo o título. Inclua no *abstract* apenas quatro ou cinco conceitos, conclusões ou implicações mais importantes. Utilize em seu *abstract* as palavras que você acha que seu público irá utilizar em suas buscas eletrônicas.

Um *abstract* de um relato de um estudo empírico deve descrever

- o problema sob investigação, se possível em uma frase;
- os participantes, especificando características pertinentes, tais como idade, sexo e grupo étnico e/ou racial; em pesquisas com animais, seu gênero e espécie;
- as características essenciais do método de estudo – você dispõe de um número limitado de palavras; portanto, restrinja sua descrição às características essenciais e interessantes da metodologia de estudo – principalmente aquelas com maior probabilidade de serem usadas em buscas eletrônicas;
- os principais resultados, incluindo tamanho de efeito e intervalos de confiança e/ou os níveis de significado estatístico; e
- as conclusões e as implicações ou aplicações.

Um *abstract* para uma revisão da literatura ou metanálise deve descrever

- o problema ou relação(ões) sob investigação;
- os critérios para elegibilidade no estudo;
- tipo(s) de participantes incluídos em estudos primários;
- principais resultados (incluindo tamanho de efeito mais importantes) e os eventuais moderadores importantes destes de efeito;
- conclusões (incluindo limitações); e
- implicações para a teoria, política e/ou prática.

Um *abstract* para um artigo teórico deve descrever

- como a teoria ou modelo funciona e/ou os princípios nos quais ele se baseia e
- quais fenômenos a teoria ou modelo explica e as relações com resultados empíricos.

- a classe geral dos métodos em discussão;
- as características essenciais do método proposto;
- a abrangência da aplicação do método proposto; e
- no caso de procedimentos estatísticos, algumas de suas características essenciais, tais como robustez ou eficiência de poder.

Um *abstract* para um *estudo de caso* deve descrever

- o assunto e as características relevantes do indivíduo, do grupo, da comunidade ou da organização apresentada;
- a natureza ou solução para um problema ilustrado pelo exemplo de caso; e
- as questões levantadas para pesquisa ou teoria adicional.

Não exceda o limite de palavras para o *abstract* estipulado pelo periódico ao qual você está submetendo seu artigo. Os limites de palavras variam de um periódico para outro e geralmente variam de 150 a 250 palavras. Para informações sobre como *abstracts* são usados para acessar artigos, consulte *Record Structure for APA Databases* (Sick, 2009).

Ao preparar seu manuscrito, inicie o *abstract* em uma nova página e o identifique com o título corrente ou título abreviado e número de página 2. O título *Abstract* deve aparecer em letra minúscula e inicial maiúscula, centralizado, no alto da página. Digite o *abstract* propriamente dito em parágrafo único sem recuo.

2.05 Introdução

Apresente o problema. O texto de um manuscrito abre com uma introdução que apresenta o problema específico em estudo e descreve a estratégia de pesquisa. Uma vez que a introdução é claramente identificada por sua posição no manuscrito, ela não leva um título que a rotule como introdução.

Antes de escrever a introdução, considere as seguintes perguntas:

- Por que este problema é importante?
- De que forma este estudo se relaciona com trabalhos anteriores na área? Se outros aspectos deste estudo foram relatados anteriormente, de que forma este relato difere e se baseia no relato anterior?
- Quais são as hipóteses e objetivos primários e secundários do estudo, e (se houver) quais são as ligações com a teoria?
- Como as hipóteses e o projeto experimental se relacionam entre si?
- Quais são as implicações teóricas e práticas do estudo?

Uma boa introdução responde a estas perguntas em apenas algumas páginas e, resumindo os argumentos relevantes e as evidências passadas, dá ao leitor uma noção clara do que foi feito e por quê.

Explore a importância do problema. Explique por que o problema merece nova

ampliar o alcance de uma formulação teórica. Para pesquisa aplicada, ela poderia envolver a necessidade de resolver um problema social ou de tratar um transtorno psicológico. Quando a pesquisa é motivada pelo desejo de resolver questões controversas, todos os lados no debate devem ser representados de forma equilibrada na introdução. Evite animosidade e argumentos *ad hominem* ao expor a controvérsia. Conclua a exposição do problema na introdução com uma declaração breve mas formal do propósito da pesquisa que resuma o conteúdo que a precede. Para revisões da literatura bem como artigos teóricos e metodológicos, também explique claramente os motivos pelos quais o conteúdo relatado é importante e como o artigo se relaciona com a compreensão cumulativa na área.

Descreva conhecimento relevante. Discuta a literatura relacionada relevante, mas não se sinta obrigado a incluir uma descrição histórica exaustiva. Pressuponha que o leitor está informado sobre o problema básico e não necessita de uma descrição completa de sua história. Uma descrição erudita da pesquisa anterior na introdução fornece um resumo do trabalho diretamente relacionado mais recente e reconhece a prioridade do trabalho dos outros. A citação e o reconhecimento específico dos trabalhos anteriores relacionados são indícios de responsabilidade científica e acadêmica e são essenciais para o crescimento de uma ciência cumulativa. Na descrição de conhecimentos relacionados, também informe os leitores se outros aspectos deste estudo foram relatados anteriormente e como o presente uso das evidências difere dos usos anteriores. Ao mesmo tempo, cite e referencie somente trabalhos pertinentes à questão específica e não àqueles que são de importância apenas secundária ou geral. Ao resumir trabalhos anteriores, evite detalhes irrelevantes; em vez disso, enfatize achados pertinentes, questões metodológicas relacionadas e conclusões importantes. Reporte o leitor para pesquisas gerais ou sínteses de pesquisas sobre o tema caso elas estejam disponíveis.

Demonstre a continuidade lógica entre trabalho anterior e presente. Desenvolva o problema com abrangência e clareza suficientes para que ele possa ser compreendido de modo geral pelo público profissional mais amplo possível. Não permita que o objetivo de brevidade leve-o a redigir uma descrição que só possa ser compreendida por um especialista.

Enuncie hipóteses e sua correspondência com o projeto experimental. Depois de ter introduzido o problema e ter desenvolvido o material contextual, explique sua abordagem para resolver o problema. Em estudos empíricos, isso geralmente envolve enunciar suas hipóteses ou questão específica e descrever como elas foram derivadas da teoria ou estão logicamente relacionadas aos dados e à argumentação anteriores. Desenvolva claramente a fundamentação para cada uma. Além disso, se algumas de suas hipóteses ou perguntas são centrais para seu propósito e outras são secundárias ou exploratórias, explique esta priorização. Explique como o desenho da pesquisa permite as inferências necessárias para examinar a hipótese ou prover estimativas em resposta à questão.

Ao preparar seu manuscrito, inicie a introdução em uma nova página, identificando-a com o título corrente e o número de página 3. Digite o título do manuscrito com letras maiúsculas e minúsculas, centralizado e no alto da página, e depois digite o texto. As outras seções dos artigos sucedem-se sem interrupção;

2.06 Método

A seção de método descreve em detalhe como o estudo foi realizado, incluindo definições conceituais e operacionais das variáveis usadas no estudo. Tipos diferentes de estudos utilizarão metodologias diferentes; entretanto, uma descrição completa dos métodos utilizados permite que o leitor avalie a adequação dos métodos e a fidedignidade e a validade dos dados obtidos. Ela também permitirá que investigadores experientes repliquem o estudo. Se seu manuscrito é uma atualização de um estudo em andamento ou de um estudo anterior e o método encontra-se descrito detalhadamente noutra publicação, você pode reportar o leitor para aquela fonte e apresentar apenas uma breve sinopse do método nesta seção (ver também Seção 1.10 sobre autoplágio). A seguir um exemplo de sinopse:

We present cross-sectional and 3-year longitudinal data from a study of adults aged 55 to 84. ... The memory tasks were those used in our previous research (Zelinski et al., 1990; Zelinski, Gilowski, & Thompson, 1980). (Apresentamos dados transversais e longitudinais de três anos de um estudo de adultos de 55 a 84 anos. ... As tarefas de memória foram as mesmas utilizadas em nosso estudo anterior (Zelinski et al., 1990; Zelinski, Gilowski, & Thompson, 1980).)

Para descrever múltiplos experimentos, consulte a Seção 2.09.

Identifique subseções. É convencional e também conveniente dividir a seção de método em subseções rotuladas. Estas geralmente incluem uma seção com descrições dos participantes ou sujeitos e uma seção descrevendo os procedimentos utilizados no estudo. Esta última seção com frequência inclui descrição (a) das manipulações ou intervenções experimentais usadas e de como elas foram aplicadas – por exemplo, algum aparelho mecânico usado para aplicá-las; (b) dos procedimentos de amostragem e tamanho e precisão da amostra; (c) dos métodos de medição (incluindo as propriedades psicométricas dos instrumentos empregados); e (d) do desenho da pesquisa. Se o desenho do estudo é complexo ou se os estímulos requerem descrição pormenorizada, subseções ou subtítulos adicionais para dividir as subseções podem ser necessários para ajudar os leitores a encontrar informações específicas.

Estas subseções devem incluir as informações essenciais para compreender e replicar o estudo. Detalhes insuficientes deixam o leitor em dúvida; detalhes em excesso sobrecarregam o leitor com informações irrelevantes. Considere o uso de apêndices e/ou *site* suplementar para informações mais detalhadas (ver Seção 2.13).

Características dos participantes (sujeitos). A identificação apropriada dos participantes de pesquisa é essencial para a ciência e prática da psicologia, especialmente para generalizar os resultados, fazer comparações entre replicações e utilizar as evidências em sínteses de pesquisas e análises de dados secundários. Em estudos com seres humanos, descreva os critérios para elegibilidade e exclusão, incluindo restrições baseadas em características demográficas.

instrução; condição socioeconômica, geracional ou imigrante; deficiências; orientação sexual; identidade de gênero; e idioma preferencial assim como características importantes em tópicos específicos (p. ex., nível de desempenho em estudos de intervenções educacionais). Como regra, descreva os grupos com a máxima especificação possível, com particular ênfase a características que possam ter influência sobre a interpretação dos resultados. Muitas vezes, as características dos participantes podem ser importantes para compreender a natureza da amostra e o grau em que os resultados podem ser generalizados. Por exemplo, a seguinte é uma caracterização útil de uma amostra:

The second group included 40 women between the ages of 20 and 30 years ($M = 24.2$, $SD = 2.1$), all of whom had emigrated from El Salvador; had at least 12 years of education; had been permanent residents of the United States for at least 10 years; and lived in Washington, DC. (O segundo grupo incluiu 40 mulheres com idades entre 20 e 30 anos ($M = 24,2$; $DP = 2,1$), as quais haviam emigrado de El Salvador; tinham pelo menos 12 anos de educação; tinham sido residentes permanentes dos Estados Unidos por pelo menos 10 anos; e moravam em Washington, DC.)

Para determinar até que ponto os dados podem ser generalizados, pode ser útil identificar subgrupos:

The Asian sample included 30 Chinese and 45 Vietnamese persons. (A amostra asiática incluiu 30 chineses e 45 vietnamitas.)

Among the Latino and Hispanic American men, 20 were Mexican American and 20 were Puerto Rican. (Dos americanos latinos e hispânicos, 20 eram americanos mexicanos e 20 eram porto-riquenhos.)

Mesmo quando uma característica não é usada na análise dos dados, sua descrição pode proporcionar aos leitores uma compreensão mais completa da amostra e da possibilidade de generalização dos resultados, podendo mostrar-se útil em estudos metanalíticos que incorporem os resultados do artigo.

Em estudos com animais, descreva o gênero, a espécie e o número da cepa ou outra identificação específica, tais como o nome e localização do fornecedor e a designação do estoque. Indique o número de animais, além do sexo, idade, peso e condição fisiológica.

Procedimentos de amostragem. Descreva os procedimentos de seleção dos participantes, incluindo (a) o método de amostragem, se um plano de amostragem sistemático foi usado; (b) a porcentagem da amostra abordada que participou; e (c) o número de participantes que se autosselecionaram para a amostra. Descreva os ambientes e locais onde os dados foram coletados, bem como os eventuais acordos e pagamentos feitos aos participantes, acordos com o conselho de revisão institucional, os padrões éticos seguidos e os procedimentos de monitoramento da segurança.

jado para estar em cada condição, caso condições separadas tenham sido usadas. Indique se a amostra obtida diferiu de modos conhecidos da população-alvo. Conclusões e interpretações não devem ir além do que a amostra permitiria.

Indique como foi determinado que a amostra deveria ter este tamanho (p. ex., análise de poder ou de precisão). Caso análise interina e regras de interrupção tenham sido usadas para modificar o tamanho de amostra desejado, descreva a metodologia e os resultados.

Ao aplicar estatísticas inferenciais, leve a sério as considerações de poder estatístico associadas aos testes de hipóteses. Estas considerações relacionam-se à probabilidade de corretamente rejeitar as hipóteses testadas, considerando-se um determinado nível alfa, magnitude de efeito e tamanho de amostra. Neste aspecto, indique sempre as evidências de que o estudo tem poder suficiente para detectar efeitos de real interesse. Tenha cuidado semelhante ao discutir o papel desempenhado pelo tamanho de amostra em casos nos quais não rejeitar a hipótese nula é desejável (p. ex., quando deseja-se argumentar que não existem diferenças), ao testar várias suposições subjacentes ao modelo estatístico adotado (p. ex., normalidade, homogeneidade da variância, homogeneidade da regressão) e na adaptação de modelos.

Alternativamente, use cálculos baseados em um meta de precisão escolhida (amplitude do intervalo de precisão) para determinar os tamanhos da amostra. Utilize os intervalos de confiança resultantes para justificar as conclusões referentes às magnitudes de efeito (p. ex., que algum efeito é insignificamente pequeno).

Medidas e covariáveis. A seção de Método deve incluir informações que indiquem as definições de todas as medidas de resultados primários e secundários e covariáveis, incluindo medidas coletadas mas não incluídas neste relato. Descreva os métodos empregados para coletar dados (p. ex., questionários escritos, entrevistas, observações), assim como métodos usados para aumentar a qualidade das medições (p. ex., treinamento e fidedignidade dos assistentes ou uso de observações múltiplas). Forneça informações sobre os instrumentos utilizados, incluindo suas propriedades psicométricas e biométricas e evidência de validade cultural.

Desenho de pesquisa. Especifique o desenho de pesquisa na seção de Método. Os sujeitos foram colocados em condições manipuladas ou foram observados de modo natural? Caso múltiplas condições tenham sido criadas, como os participantes foram designados para cada condição, por meio de distribuição randômica ou algum outro tipo de mecanismo de seleção? O estudo seguiu um desenho intersujeitos ou intrassujeito?

Os diferentes desenhos de pesquisa possuem diferentes necessidades de descrição associadas a si. As informações que devem ser indicadas para todos os estudos que envolvem manipulações ou intervenções experimentais encontram-se resumidas na Tabela 2 do Apêndice, Módulo A: Normas de Publicação para Estudos com uma Manipulação ou Intervenção Experimental (Além do Material Apresentado na Tabela 1) e na Tabela 3 do Apêndice, Normas de Publicação para Estudos Usando Distribuição Randômica e Não Randômica de Participantes em Grupos Experimentais. Ao relatar estudos que não envolvem manipulação ou in-

tervenção (p. ex., estudos observacionais de história natural), a descrição dos procedimentos do estudo deve ser suficiente para que o leitor compreenda a complexidade do estudo e esteja preparado para realizar uma replicação aproximada dele (consulte APA Publications and Communications Board Working Group on Journal Article Reporting Standards, 2008, para uma discussão sobre o surgimento destas normas).

Manipulações ou intervenções experimentais. Em estudos com manipulações ou intervenções experimentais, descreva seu conteúdo específico. Inclua os detalhes das intervenções ou manipulações destinadas para cada condição do estudo, inclusive grupos-controle (se usados), e descreva como e quando as intervenções (manipulações experimentais) foram realmente administradas.

A descrição das manipulações ou intervenções deve incluir vários elementos. Descreva minuciosamente o conteúdo da intervenção ou das manipulações experimentais específicas. Muitas vezes isto envolverá a apresentação de um breve resumo das instruções dadas aos participantes. Se as instruções foram inusuais ou compuseram a manipulação experimental, pode-se apresentá-las textualmente em um apêndice ou em um arquivo eletrônico complementar. Se o texto for breve, ele pode ser incluído no texto do artigo, contanto que não interfira na legibilidade do relato.

Descreva os métodos de manipulação e de aquisição de dados. Se um aparelho foi utilizado para apresentar materiais de estímulo ou coletar dados, inclua na descrição dos procedimentos o número do modelo do equipamento e o fabricante (quando importante, como em estudos de neuroimagem), suas principais configurações e parâmetros (p. ex. configurações de pulso) e sua resolução (p. ex., em relação à emissão de estímulo, precisão de registro). Como na descrição da intervenção ou da manipulação experimental, este material pode ser apresentado no texto do artigo, em um apêndice, em um arquivo eletrônico complementar, ou como apropriado.

Quando relevantes – como, por exemplo, na administração de intervenções clínicas e educacionais – os procedimentos também devem conter uma descrição de quem aplicou a intervenção, incluindo seu nível de treinamento profissional e seu nível de treinamento na intervenção específica. Apresente o número de administradores juntamente com a média, desvio padrão e a variação do número de indivíduos ou unidades tratadas por cada administrador.

Forneça informações sobre (a) o ambiente onde a intervenção ou manipulação foi aplicada, (b) a quantidade e duração da exposição à intervenção ou manipulação (i.e., quantas sessões, episódios ou eventos deveriam ser realizados e quanto tempo eles deveriam durar), (c) o tempo tomado para a aplicação da intervenção ou manipulação para cada unidade (p. ex., a aplicação da manipulação estaria completa em uma seção, ou se os participantes retornaram para múltiplas sessões, quanto tempo decorreu entre a primeira e última sessão?) e (d) atividades ou incentivos usados para aumentar a conformidade.

Quando um instrumento é traduzido para outro idioma que não aquele em que foi originalmente desenvolvido, o método específico de tradução deve ser descrito (p. ex., retroversão, na qual um texto é traduzido para um idioma e de-

pois retraduzido para o idioma original a fim de garantir que a equivalência seja suficiente para que os resultados possam ser comparados).

Descreva como os participantes foram agrupados durante a coleta de dados (i.e., a manipulação ou intervenção foi administrada de indivíduo para indivíduo, em pequenos grupos ou em grupos intactos, tais como salas de aula?). Descreva a menor unidade (p. ex., indivíduos, grupos de trabalho, classes) que foi analisada para avaliar efeitos. Caso a unidade utilizada para a análise estatística tenha sido diferente daquela utilizada para aplicar a intervenção ou manipulação (i.e., foi diferente da unidade de randomização), descreva o método analítico usado para levar isso em consideração (p. ex., ajustar as estimativas de erro padrão ou usar análise em múltiplos níveis).

2.07 Resultados

Na seção de Resultados, resuma os dados coletados e a análise realizada sobre estes dados relacionada ao discurso que se seguirá. Relate os dados com detalhamento suficiente para justificar suas conclusões. Mencione todos os resultados relevantes, inclusive aqueles que contrariam a expectativa; certifique-se de incluir tamanhos de efeito pequenos (ou resultados estatisticamente insignificantes) quando a teoria prevê tamanhos de efeito grandes. Não esconda resultados desconfortáveis por omissão. Não inclua pontuações individuais ou dados brutos, com a exceção, por exemplo, de desenhos de caso único ou exemplos ilustrativos. No espírito do compartilhamento de dados (incentivado pela APA e outras associações profissionais e às vezes exigido pelas agências de financiamento), dados brutos, incluindo características do estudo e tamanhos de efeito individuais usados em uma metanálise, podem ser disponibilizados em arquivos eletrônicos complementares. Consulte a Seção 2.13 para uma discussão detalhada do uso de arquivos eletrônicos complementares. A discussão das implicações dos resultados deve ser reservada para apresentação na seção de Discussão.

Recrutamento. Indique os dados que definiram os períodos de recrutamento e de seguimento e as fontes primárias de possíveis sujeitos, quando apropriado. Caso estas datas difiram por grupo, indique os valores para cada grupo.

Estatísticas e análise de dados. A análise dos dados e a apresentação de resultados dessas análises são aspectos fundamentais da conduta de pesquisa. A apresentação precisa, imparcial, completa e perspicaz do tratamento analítico dos dados (seja ela quantitativa ou qualitativa) deve ser um componente de todos os relatos de pesquisa. Os pesquisadores na área da psicologia utilizam numerosas abordagens para a análise de dados, e nenhuma abordagem tem preferência uniforme contanto que o método seja apropriado às questões de pesquisa que estão sendo feitas e à natureza dos dados coletados. Os métodos usados devem apoiar suas cargas analíticas, incluindo robustez para violações dos pressupostos que os subjazem, e devem fornecer interpretações claras e inequívocas dos dados.

Historicamente, os pesquisadores em psicologia fiaram-se muito nos tes-

o NHST é apenas um ponto de partida e que elementos adicionais, tais como tamanhos de efeito, intervalos de confiança e descrição extensa, são necessários para comunicar o significado mais completo dos resultados. O grau em que um periódico enfatiza (ou minimiza) o NHST é uma decisão de cada editor. Entretanto, a completa publicação de todas as hipóteses testadas e estimativas de tamanhos de efeito e intervalos de confiança apropriados são as expectativas mínimas para todos os periódicos da APA.² O cientista pesquisador é sempre responsável pela apresentação precisa e responsável dos resultados de estudos experimentais.

Presuma que seu leitor tem um conhecimento profissional dos métodos estatísticos. Não revise conceitos e procedimentos básicos, nem ofereça citações para os procedimentos estatísticos mais comumente usados. Contudo, se houver alguma questão sobre a adequação de um determinado procedimento estatístico, justifique seu uso declarando claramente as evidências que existem para a robustez do procedimento como aplicado.

De modo semelhante, dados ausentes (*missing data*) podem ter um efeito prejudicial sobre a legitimidade das inferências obtidas por testes estatísticos. Por este motivo, é imprescindível que a frequência ou as porcentagens de dados ausentes sejam relatados juntamente com qualquer evidência empírica e/ou argumentos teóricos para as causas de os dados estarem faltando. Por exemplo, dados podem ser descritos como ausentes de modo totalmente aleatório (como quando valores da variável ausente não estão relacionados com a probabilidade de que estejam faltando ou com o valor de qualquer outra variável no conjunto de dados); ausentes aleatoriamente (como quando a probabilidade de faltar um valor em uma variável não está relacionada ao valor ausente em si mas pode estar relacionada a outras variáveis plenamente observadas no conjunto de dados); ou não ausentes aleatoriamente (como quando a probabilidade de observar um dado valor para uma variável está relacionada ao valor ausente em si). Também é importante descrever os métodos para lidar com dados ausentes, caso tenham sido usados (p. ex., múltipla imputação).

Ao relatar os resultados de testes estatísticos inferenciais ou ao prover estimativas dos parâmetros ou tamanhos de efeito, inclua informações suficientes para ajudar o leitor a compreender plenamente as análises realizadas e as possíveis explicações alternativas para os resultados dessas análises. Uma vez que cada técnica analítica depende de diferentes aspectos dos dados e de suposições, é impossível especificar o que constitui um “conjunto suficiente de estatísticas” para toda análise. Entretanto, este conjunto geralmente inclui ao menos o seguinte: os tamanhos das amostras por célula; as médias das células observadas (ou frequências de casos em cada categoria para uma variável categórica); e os desvios padrão das células, ou a variância intracélula agrupada. No caso de sistemas analíticos com múltiplas variá-

² Questões ligadas à controvérsia sobre o uso de NHST e suas alternativas são complexas e estão fora do âmbito de um manual de publicação. Para os interessados nesta controvérsia, uma discussão destas e de questões relacionadas pode ser encontrada no artigo de Wilkinson and the Task Force on Statistical Inference (1999): *What If There Were*

veis, tais como análise multivariada de variância, análises de regressão, análises de modelos de equação estrutural e modelos lineares hierárquicos, as médias associadas, os tamanhos das amostras e a matriz ou matrizes de variância-covariância (ou correlação) muitas vezes representam um conjunto suficiente de estatísticas. Às vezes, a quantidade de informações que constituem um conjunto suficiente de estatísticas pode ser extenso; quando este é o caso, estas informações devem ser apresentadas em um conjunto de dados suplementar ou em um apêndice (ver Seção 2.13). Para análises baseadas em amostras muito pequenas (inclusive investigações de um único caso), é possível apresentar o conjunto completo de dados brutos em uma tabela ou figura. Seu trabalho tornar-se-á parte do conhecimento cumulativo da área com mais facilidade se você incluir informações estatísticas suficientes para permitir sua inclusão em futuras metanálises.

Para testes estatísticos inferenciais (p. ex. testes t , F e χ^2), indique a magnitude obtida ou valor da estatística, os graus de liberdade, a probabilidade de obter um valor tão ou mais extremo do que o obtido (o valor p exato) e o tamanho e direção do efeito. Quando estimativas decimais (p. ex. médias da amostra ou coeficientes de regressão) são apresentadas, sempre inclua uma medida associada de variabilidade (precisão), com uma indicação da medida específica utilizada (p. ex., o erro padrão).

A inclusão de intervalos de confiança (para estimativas de parâmetros, para funções de parâmetros tais como diferenças em médias, e para tamanhos de efeito) pode ser uma forma extremamente efetiva de relatar resultados. Uma vez que intervalos de confiança combinam informações sobre localização e precisão e muitas vezes podem ser utilizados diretamente para inferir níveis de significância, eles geralmente são a melhor estratégia de apresentação. Portanto, o uso de intervalos de confiança é vigorosamente recomendado. Como regra, é melhor usar um único nível de confiança, especificado em uma base apriorística (p. ex., um intervalo de confiança de 95% ou 99%), em todo o manuscrito. Sempre que possível, a discussão e a interpretação de resultados devem se basear em estimativas decimais e de intervalos.

Para que o leitor aprecie o tamanho ou importância dos achados de um estudo, quase sempre é necessário incluir alguma medida de magnitude de efeito na seção de Resultados.³ Sempre que possível, indique o intervalo de confiança para cada tamanho de efeito relatado para indicar a precisão da estimativa dele. Tamanhos de efeito podem ser expressos nas unidades originais (p. ex., o número médio de questões respondidas corretamente; kg/mês para uma curva de regressão) e muitas vezes são mais facilmente compreendidos quando relatados nas unidades originais. Com frequência é útil relatar um tamanho de efeito não apenas nas unidades originais mas também em alguma unidade padronizada ou livre (p. ex., como um valor d de Cohen) ou peso de regressão padronizado. Indicadores de tamanho de efeito por graus de liberdade múltiplos com frequência são menos úteis do que indicadores de tamanho de efeito que decompõem múltiplos testes de grau de liberdade em efeitos de um grau de liberdade significativos – especialmente quando os últimos são os resultados que informam a discussão. Contudo,

o princípio geral a ser seguido é fornecer ao leitor informações suficientes para avaliar o tamanho do efeito observado.

Análises auxiliares. Descreva as outras análises realizadas, incluindo análises de subgrupos e análises ajustadas, indicando aquelas que foram pré-especificadas e aquelas que foram exploratórias (embora não necessariamente no nível de minúcia das análises primárias). Considere a apresentação dos resultados detalhados destas análises em um arquivo eletrônico complementar. Discuta as eventuais implicações das análises auxiliares para taxas de erro estatístico.

Fluxo de participantes. Para desenhos experimentais e quase-experimentais, deve haver uma descrição do fluxo de participantes (humanos, animais ou unidades, tais como salas de aula ou alas hospitalares) através do estudo. Indique o número total de unidades recrutadas para o estudo e o número de participantes designados para cada grupo. Indique o número de participantes que não completaram o experimento ou passaram para outras condições e explique por quê. Indique o número de participantes usados nas análises primárias. (Este número pode diferir do número que completou o estudo porque participantes podem não comparecer ou completar a medição final.) O fluxograma no Apêndice (Figura 1) oferece um recurso útil para apresentar o fluxo dos participantes através de cada etapa do estudo (ver também Figuras 5.3 e 5.4, p. 183-184).

Fidelidade da intervenção ou da manipulação. Em intervenções ou manipulações experimentais, apresente evidências de que elas foram aplicadas como pretendido. Em pesquisa experimental básica, isto poderia ser os resultados de verificações sobre a manipulação. Em pesquisa aplicada, isto poderia ser, por exemplo, registros e observações das sessões de aplicação da intervenção e registros de comparecimento.

Dados de linha de base. Certifique-se de que características demográficas e/ou clínicas de linha de base de cada grupo sejam apresentadas.

Estatísticas e análise de dados. Em estudos que relatam os resultados de manipulações ou intervenções experimentais, esclareça se a análise foi por intenção-de-tratar. Ou seja, todos os participantes foram designados para condições incluídas na análise de dados independentemente de terem de fato recebido a intervenção, ou somente os participantes que completaram a intervenção foram satisfatoriamente incluídos? Apresente a fundamentação para a escolha.

Eventos adversos. Se intervenções foram estudadas, pormenorize todos os eventos adversos importantes (eventos com consequências graves) e/ou efeitos colaterais em cada grupo de intervenção.

2.08 Discussão

Depois de apresentar os resultados, você está em posição de avaliar e interpretar suas implicações, especialmente em relação às hipóteses originais. Nesta seção você vai examinar, interpretar e qualificar os resultados e extrair inferências e conclusões

são é relativamente breve e direta, alguns autores preferem combiná-la com a seção de Resultados, criando uma seção intitulada Resultados e Discussão.)

Abra a seção de Discussão enunciando claramente se houve confirmação ou não das hipóteses originais, distinguidas por hipóteses primárias e secundárias. Se suas hipóteses não foram confirmadas, ofereça explicações *post hoc*. Semelhanças e diferenças entre seus resultados e o trabalho de outros devem ser usadas para contextualizar, confirmar e esclarecer suas conclusões. Não se limite a reformular e repetir pontos já explicados; cada nova oração deve contribuir para sua interpretação e para que o leitor compreenda o problema.

Sua interpretação dos resultados deve levar em conta (a) as fontes de potencial tendenciosidade e outras ameaças à validade interna, (b) a imprecisão das medidas, (c) o número global de testes ou de sobreposição entre os testes, (d) os tamanhos de efeito observadas e (e) outras limitações ou fraquezas do estudo. Se houve uma intervenção, discuta se ela foi bem-sucedida e o mecanismo pelo qual ela deveria funcionar (caminhos causais) e/ou mecanismos alternativos. Além disso, discuta obstáculos à implementação da intervenção ou manipulação, assim como a fidelidade com a qual a intervenção ou manipulação foi implementada no estudo, isto é, as diferenças entre a manipulação como planejada e como implementada.

Reconheça as limitações de sua pesquisa e aborde explicações alternativas dos resultados. Discuta a generalizabilidade, ou validade externa, dos resultados. Esta análise crítica deve levar em conta diferenças entre a população-alvo e a amostra acessada. Para intervenções, discuta características que a tornam mais ou menos aplicável às circunstâncias não incluídas no estudo, como e quais resultados foram medidos (em relação a outras medidas que poderiam ter sido usadas), a quantidade de tempo até a medição (entre o fim da intervenção e a medição dos resultados), incentivos, taxas de conformidade e ambientes específicos envolvidos no estudo bem como outras questões contextuais.

Conclua a seção de Discussão com um comentário fundamentado e justificável sobre a importância dos resultados obtidos. Esta seção de conclusão pode ser breve ou extensa contanto que seja rigorosamente fundamentada, autônoma e não exagerada. Nesta seção, você pode retornar brevemente à discussão sobre por que o problema é importante (como exposto na introdução); quais questões mais amplas, aquelas que transcendem às particularidades da subárea, poderiam depender dos achados; e quais proposições são confirmadas ou refutadas pela extrapolção desses resultados a estas questões mais abrangentes.

Você também pode considerar as seguintes questões:

- Qual é o significado teórico, clínico ou prático dos resultados, e qual é a base para essas interpretações? Se os resultados são válidos e replicáveis, quais fenômenos psicológicos da vida real poderiam ser explicados ou exemplificados pelos resultados? Que aplicações são justificadas com base nessa pesquisa?
- Quais problemas continuam sem resolução ou surgem de uma nova forma em função destes resultados?

vem atentar para os resultados. Seus leitores devem receber respostas claras, inequívocas e diretas.

2.09 Experimentos múltiplos

Ao apresentar vários estudos em um manuscrito, a fundamentação, a lógica e o método de cada estudo devem ficar claros para o leitor. Se apropriado, inclua para cada estudo uma breve discussão dos resultados, ou combine a discussão com a descrição dos resultados (p. ex., Resultados e Discussão). Sempre inclua uma discussão geral abrangente de todo o trabalho após cada estudo. Relate apenas estudos conceitualmente relacionados em um mesmo trabalho.

A organização das seções reflète a estrutura previamente descrita. Por exemplo, rotule uma série de experimentos *Experiment 1*, *Experiment 2* e assim por diante. Eles organizam as subseções e tornam conveniente a referência a um experimento específico para o leitor. As seções de Método e de Resultados (e a seção de Discussão, caso uma discussão breve acompanhe cada estudo) aparecem sob cada título do estudo. (Consulte a Figura 2.2, p. 75-77, para a forma de apresentar um artigo com dois experimentos.)

2.10 Metanálises

Os mesmos fatores que levaram a propostas para normas de publicação para manuscritos que relatam novas coletas de dados levaram a esforços semelhantes para estabelecer normas para relatar os métodos e resultados de metanálises. Diretrizes para sínteses e metanálises de pesquisas encontram-se no Apêndice (Normas de Publicação para Metanálises [MARS]: Informações Recomendadas para Inclusão em Manuscritos que Descrevem Metanálises). Nas diretrizes, presume-se que a síntese de pesquisas que está sendo descrita utilizou procedimentos quantitativos para combinar os resultados dos estudos. Entretanto, muitas das diretrizes (p. ex., referente a material introdutório e procedimentos de busca na literatura) poderiam aplicar-se a uma síntese de pesquisas mesmo que procedimentos metanalíticos não tenham sido executados. Como este tipo de pesquisa é mais especializado, não detalharemos cada item. Os termos e questões devem ser familiares aos pesquisadores que realizam uma metanálise e são descritos em numerosos textos.

Observe que o fácil acesso ao armazenamento eletrônico de informações significa que todos os elementos listados nas diretrizes MARS não precisam aparecer em artigos impressos. Os arquivos eletrônicos suplementares dos periódicos podem ser usados para suplementar materiais associados a artigos que são impressos em papel. Este material suplementar poderia incluir, por exemplo, a lista de citações para a pesquisa incluídas em uma metanálise e a tabela que apresenta informações descritivas para cada estudo incluído, especialmente quando o número de estudos incluídos é grande. Se o número de artigos que contribuem com estudos para uma metanálise é relativamente pequeno (p. ex., em torno de 50 ou

identificá-los. Se o número de artigos na metanálise excede 50, as referências aos artigos devem ser colocadas em uma lista e em um arquivo eletrônico suplementar. Se um artigo é mencionado no texto de um artigo metanalítico e os resultados relatados naquele artigo são incluídos na metanálise, o artigo deve ser citado tanto na lista de referências quanto nos materiais suplementares.

2.11 Referências

As referências reconhecem o trabalho de estudiosos anteriores e fornecem um modo confiável de localizá-lo. Referências são usadas para documentar declarações feitas sobre a literatura, assim como os dados no manuscrito sustentam interpretações e conclusões. As referências citadas no manuscrito não precisam ser exaustivas mas devem ser suficientes para confirmar a necessidade de sua pesquisa e assegurar que os leitores possam situá-lo no contexto de pesquisas e teorizações anteriores.

A padronização nos procedimentos de citação garante que as referências sejam precisas, completas e úteis para investigadores e leitores. Para orientação detalhada sobre a citação de fontes e preparação da lista de referências, consulte os Capítulos 6 e 7.

Inicie a lista de referências em uma nova página. A palavra *Referências* deve aparecer em letras minúsculas e inicial maiúscula, centralizada. Digite todas as entradas das referências em espaço duplo. A APA publica as referências em um formato *hanging indent*, ou seja, a primeira linha de cada referência inicia-se junto à margem esquerda e as linhas subsequentes recuam à direita.

2.12 Notas de rodapé

Notas de rodapé são usadas para apresentar conteúdo adicional ou reconhecer a situação referente à permissão de direitos autorais.

Notas de rodapé de conteúdo. As notas de rodapé de conteúdo complementam ou ampliam informações importantes no texto; elas não devem incluir informações complicadas, irrelevantes ou não essenciais. Como podem distrair os leitores, essas notas só devem ser incluídas se fortalecerem a discussão. Uma nota de rodapé de conteúdo deve comunicar apenas uma ideia; caso envolvam a criação de parágrafos ou a apresentação de equações, é provável que o texto principal ou um apêndice seja um local mais adequado para apresentar estas informações. Outra alternativa é indicar em uma pequena nota de rodapé que o material está disponível *online* como material suplementar. Na maioria dos casos, um artigo fica melhor integrado se as informações importantes forem apresentadas no texto, e não em uma nota de rodapé.

Cessão de direitos autorais. Notas de rodapé de cessão de direitos autorais reconhecem a fonte de citações longas, escalas e itens de teste, e figuras e tabelas que foram reproduzidas ou adaptadas. Os autores devem obter permissão para repro-

tulo 8 para uma discussão do que os autores devem saber sobre permissões e direitos autorais.)

Costuma-se usar uma nota de rodapé numerada para apresentar material da fonte para citações longas. Para tabelas, o material da fonte é apresentado em uma nota à tabela (ver Seção 5.16), e, para figuras, a fonte é reconhecida no fim da legenda (ver Seção 5.23). Use as palavras abaixo para notas de rodapé de cessão de direitos autorais.

Tipo de fonte	Notas de rodapé de permissão de direitos autorais.
Periódico	From [ou]The data in column 1 are from] "Title of Article," by A. N. Author and C. O. Author, year, <i>Title of Journal</i> , Volume, p. xx. Copyright [year] by the Name of Copyright Holder. Reprinted [ou adapted] with permission.
Livro	From [ou]The data in column 1 are from] <i>Title of Book</i> (p. xxx), by A. N. Author and C. O. Author, year, Place of Publication: Publisher. Copyright [year] by the Name of Copyright Holder. Reprinted [ou adapted] with permission.

Numere todas as notas de rodapé consecutivamente na ordem em que elas aparecem no manuscrito com numerais arábicos sobrescritos. Os números das notas de rodapé devem ser sobrescritos, assim,¹ após qualquer sinal de pontuação, exceto travessão. Um número de nota de rodapé que aparece com um travessão – assim² – sempre precede o travessão. (O número fica dentro de um parêntese de fechamento caso ele se aplique somente ao material dentro do parêntese, assim.³) Não coloque números de nota de rodapé nos títulos no texto. Referências subsequentes a uma nota de rodapé são feitas em uma nota entre parênteses:

the same results (see Footnote 3)

Ao usar a função de nota de rodapé em seu processador de texto, coloque cada nota de rodapé de conteúdo ou de permissão de direitos autorais ao pé da página na qual ela é discutida. Notas de rodapé podem alternativamente ser colocadas em ordem consecutiva em uma página separada após as referências. Certifique-se de que o número da nota de rodapé corresponde à discussão apropriada no texto.

2.13 Apêndices e materiais complementares

Às vezes, o material que suplementa o conteúdo do artigo distrairia ou seria inadequado no texto do manuscrito. Este tipo de material com frequência pode ser incluído em um apêndice ou em uma seção de materiais suplementares – o primeiro caso de um arranjo de uma versão impressa do artigo, e segundo sendo um

Apêndices. De modo geral, um apêndice é apropriado para materiais que são relativamente curtos e facilmente apresentados em formato impresso. Alguns exemplos de material adequado para um apêndice são (a) uma lista de materiais de estímulo (p. ex., os usados em pesquisa psicolinguística), (b) uma descrição detalhada de um equipamento, (c) uma lista de artigos que serviram como dados de origem para uma metanálise mas não são diretamente mencionados de qualquer outra forma em um artigo, e (d) uma descrição demográfica detalhada de subpopulações no estudo e outros itens de publicação detalhados e/ou complexos sugeridos na seção de normas de publicação deste capítulo.

Se o seu manuscrito possui apenas um apêndice, rotule-o de *Apêndice*; se o seu manuscrito possui dois ou mais apêndices, rotule cada um com uma letra maiúscula (*Apêndice A*, *Apêndice B*, etc.) na ordem em que são mencionados no texto principal. Cada apêndice deve ter um título. No texto, reporte-se aos apêndices por seus rótulos:

produced the same results for both studies (see Appendices A and B for complete proofs). (produziu os mesmos resultados para os dois estudos (ver Apêndices A e B para provas completas).)

Como o texto principal, um apêndice pode incluir títulos e subtítulos, bem como tabelas, figuras e equações exibidas. Numere cada tabela e figura do apêndice, e numere equações exibidas se necessário para posterior referência; o número deve ser precedido pela letra do apêndice na qual ela deve ser incluída (p. ex., Table A1). Em caso de um único apêndice, o qual não é rotulado com uma letra, todas as numerações de tabelas, figuras e equações devem ser precedidos pela letra A para distingui-las daquelas do texto principal. Todas as tabelas e figuras de um apêndice devem ser citadas dentro do apêndice e numeradas por ordem de citação.

Caso uma tabela constitua todo um apêndice, o rótulo e título centralizado do apêndice servem como número e título da tabela. De modo geral, múltiplas tabelas devem ser apresentadas como apêndices separados. Caso várias tabelas (mas sem texto) sejam combinadas em um apêndice, numere-as.

Inicie cada apêndice em uma página separada. Centralize a palavra *Apêndice* e as letras maiúsculas de identificação (*A*, *B*, etc.), na ordem em que são mencionadas no texto) no alto da página. Centralize o título do apêndice, e use letras maiúsculas e minúsculas. O texto do apêndice deve iniciar junto à margem esquerda, seguido por parágrafos recuados à direita.

Materiais suplementares. Arquivos eletrônicos suplementares baseados na Web tendem a ser mais apropriados para materiais que são mais úteis quando disponíveis para serem baixados diretamente, assim como materiais que não são facilmente apresentados no formato impresso padrão. Alguns exemplos de material adequado para inclusão em arquivos eletrônicos suplementares são (a) um código de computador extenso, (b) detalhes de modelos matemáticos ou computacionais, (c) clipes de áudio ou vídeo, (d) tabelas extensas, (e) protocolos de intervenção detalhados, (f) conjuntos de dados básicos ou suplementares, (g) seções de metodologia expandidas e (h) figuras coloridas. Uma vez que este conteúdo pode ser útil para a área, a APA e muitas outras editoras possibilitam sua disponibilização

ção a um amplo público por meio de sua publicação na rede, com um *link* para o artigo publicado. Estes arquivos (como um apêndice) tornam-se parte do registro básico no periódico e não podem ser ampliados, alterados ou apagados.

Os materiais para inclusão em arquivos eletrônicos suplementares devem ser submetidos em formatos que sejam amplamente acessíveis. Os seguintes formatos multimídia costumam ser amplamente acessíveis à maioria dos usuários e são mais indicados:

- Texto – ASCII, Word, PDF, HTML
- Tabelas – Excel, Word, HTML, XHTML, XML
- Áudio e Vídeo – AVI, MPG, Quicktime, RM, MP3, WAV
- Animação – GIF, JPEG, Flash/Shockwave
- Imagens – GIF, JPEG, TIFF

Formatos de arquivo menos amplamente utilizados, incluindo TeX, LaTeX, códigos do lado do cliente ou do servidor (p. ex., Java, CGI), arquivos executáveis e aplicativos, são aceitáveis mas podem ser menos úteis ao leitor que não tem acesso a programas especializados. Muitos usuários não aceitam lidar com arquivos executáveis ou operam em sistemas que não lhes permitem acesso a eles.

Para periódicos da APA, o *link* para arquivos eletrônicos suplementares que aparece no artigo publicado leva os leitores a uma página de destino que inclui uma citação bibliográfica, um *link* para o artigo publicado e um enunciado contextual e *link* para cada arquivo de material suplementar (ver um exemplo de uma amostra de página de destino em www.apastyle.org). Materiais suplementares devem conter informações suficientes para tornar seus conteúdos interpretáveis quando acompanhados pelo texto publicado. Para mais informações sobre materiais suplementares, consulte o Capítulo 8.

Na maioria dos periódicos, os materiais suplementares estão sujeitos à revisão entre pares e precisam ser submetidos com o manuscrito inicial. Uma vez aceitos, os materiais suplementares serão publicados sem mais alterações ou refinamentos.

Um apêndice ou materiais suplementares só devem ser incluídos se ajudarem os leitores a compreender, avaliar ou replicar o estudo ou argumento teórico apresentado. Certifique-se de que todos os padrões éticos relevantes foram seguidos para apêndices e materiais suplementares, incluindo proteção de direitos autorais, representação precisa de dados e proteção de sujeitos humanos (p. ex., conteúdo de vídeos com imagens de pessoas).

EXEMPLOS DE ARTIGOS

Estes exemplos de artigos ilustram três tipos de manuscritos: um experimento (Figura 2.1), dois experimentos (Figura 2.2) e metanálises (Figura 2.3). Os três manuscritos foram adaptados para o *Manual de Publicação* a partir de artigos publicados em periódicos da APA. Os números mencionados nos quadros sombreados indicam as seções numeradas no *Manual de Publicação*.

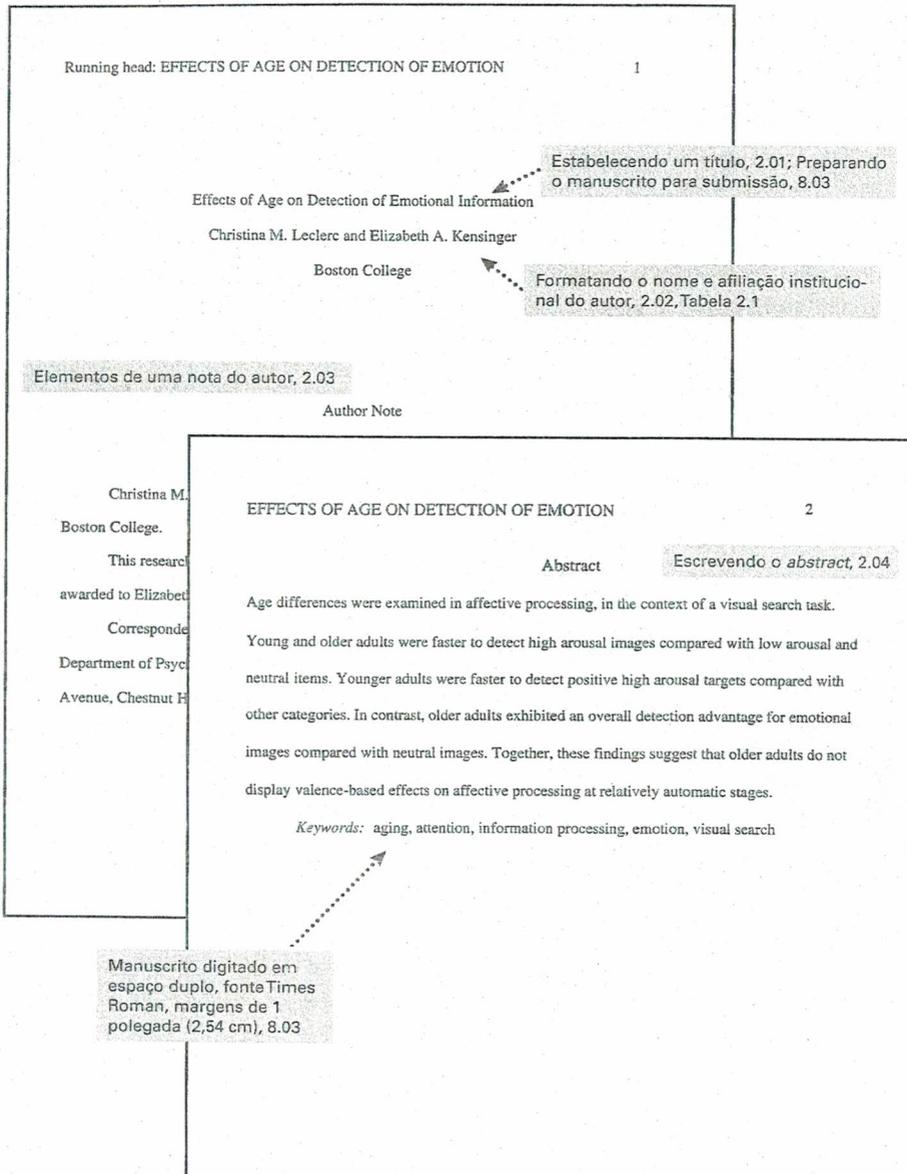


FIGURA 2.1

Exemplo de artigo com um experimento (continua). (Os números indicam as seções numeradas no Manual de Publicação.)

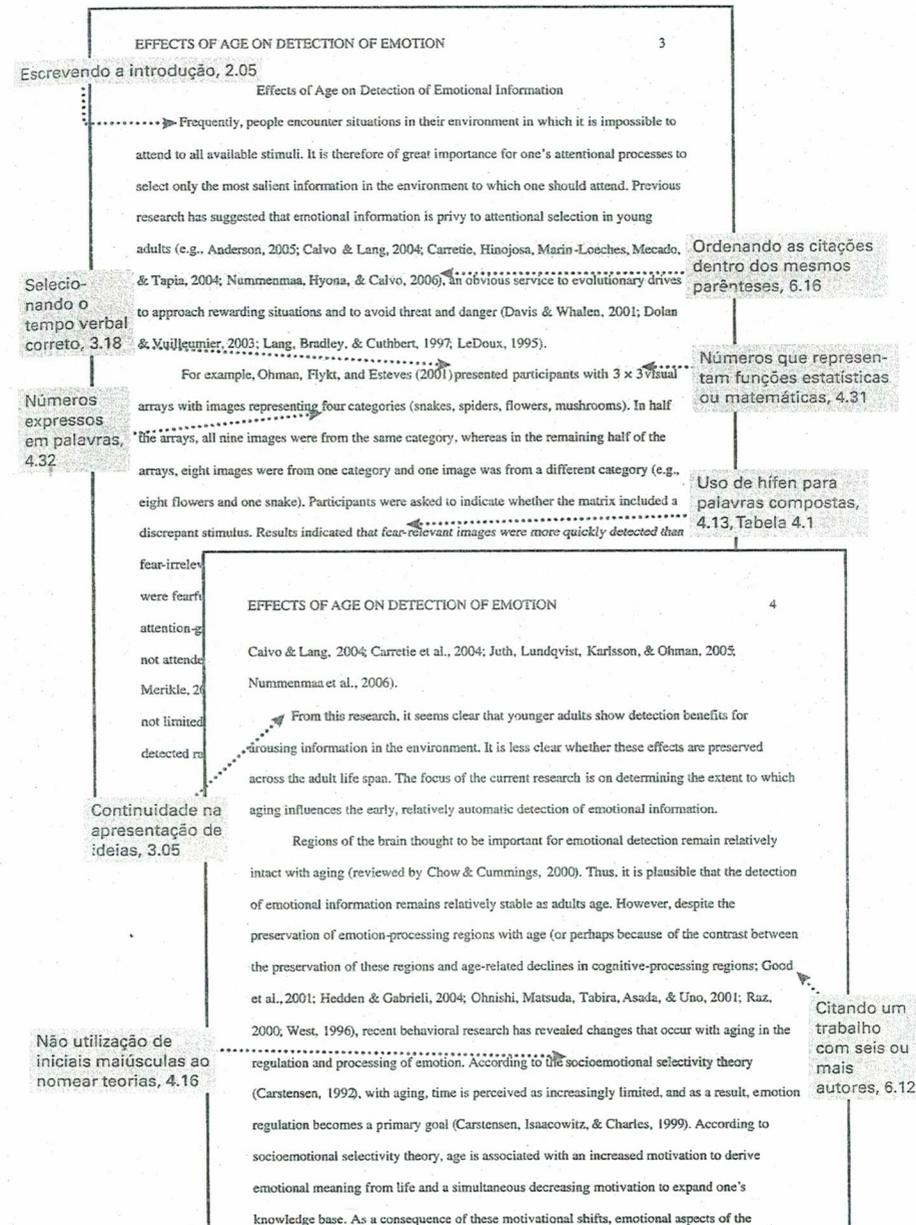
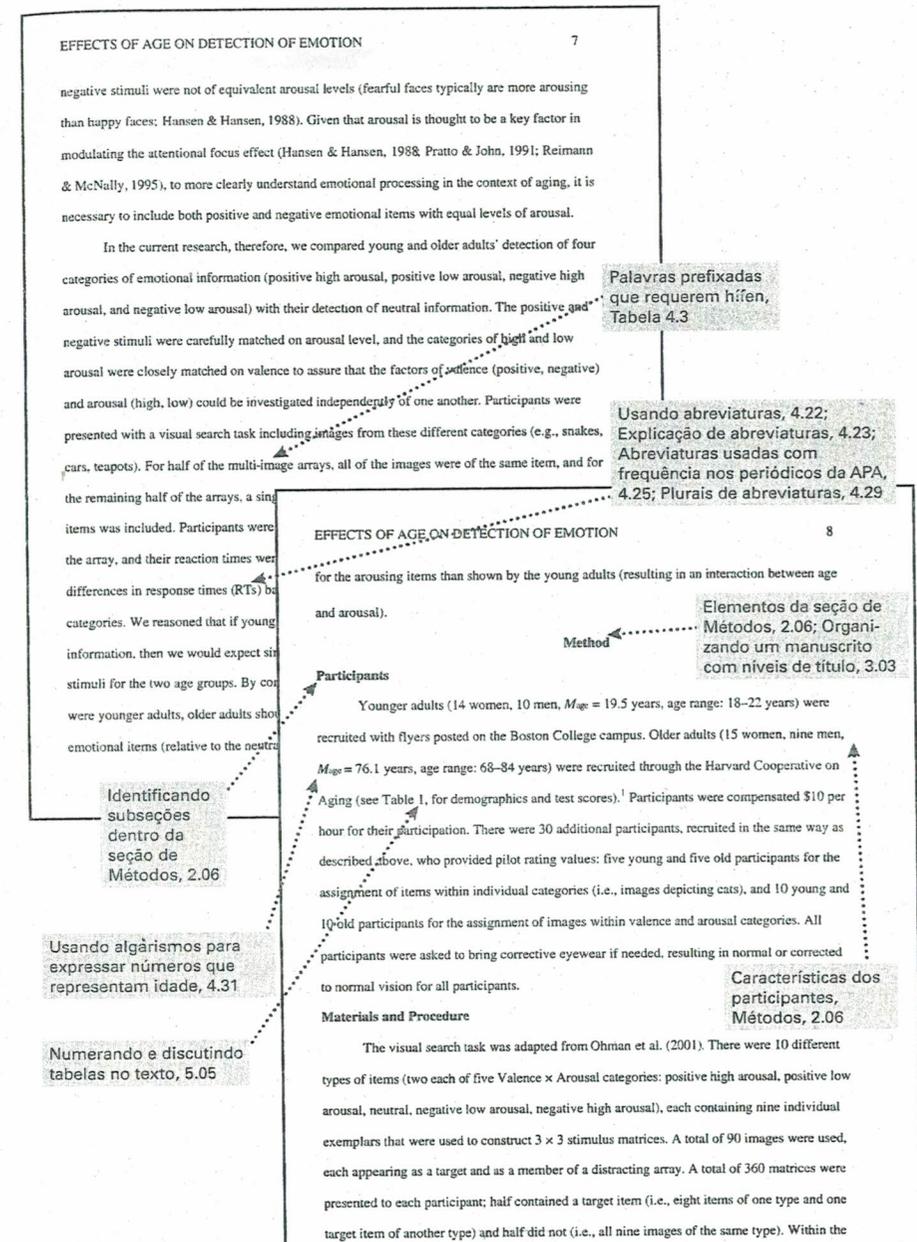
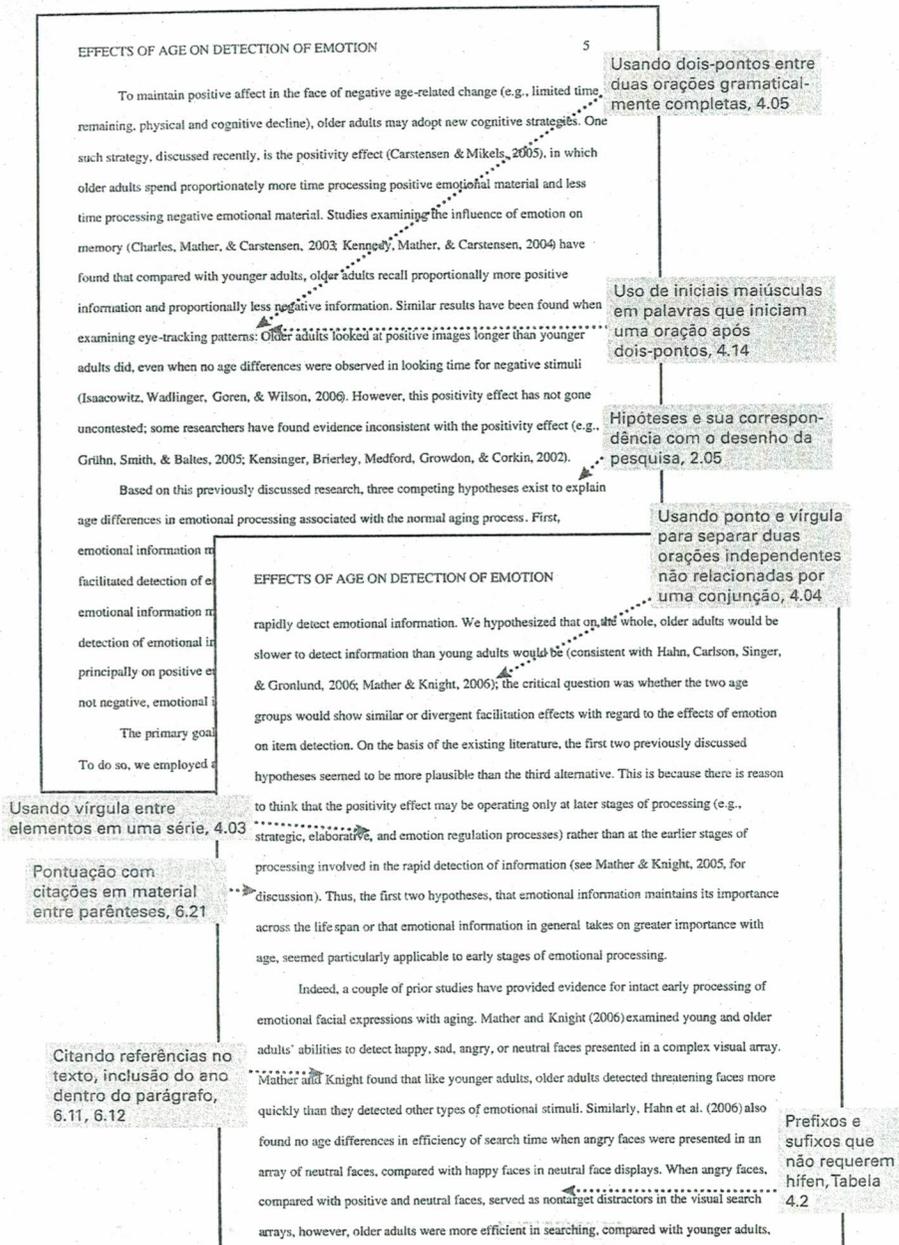


FIGURA 2.1



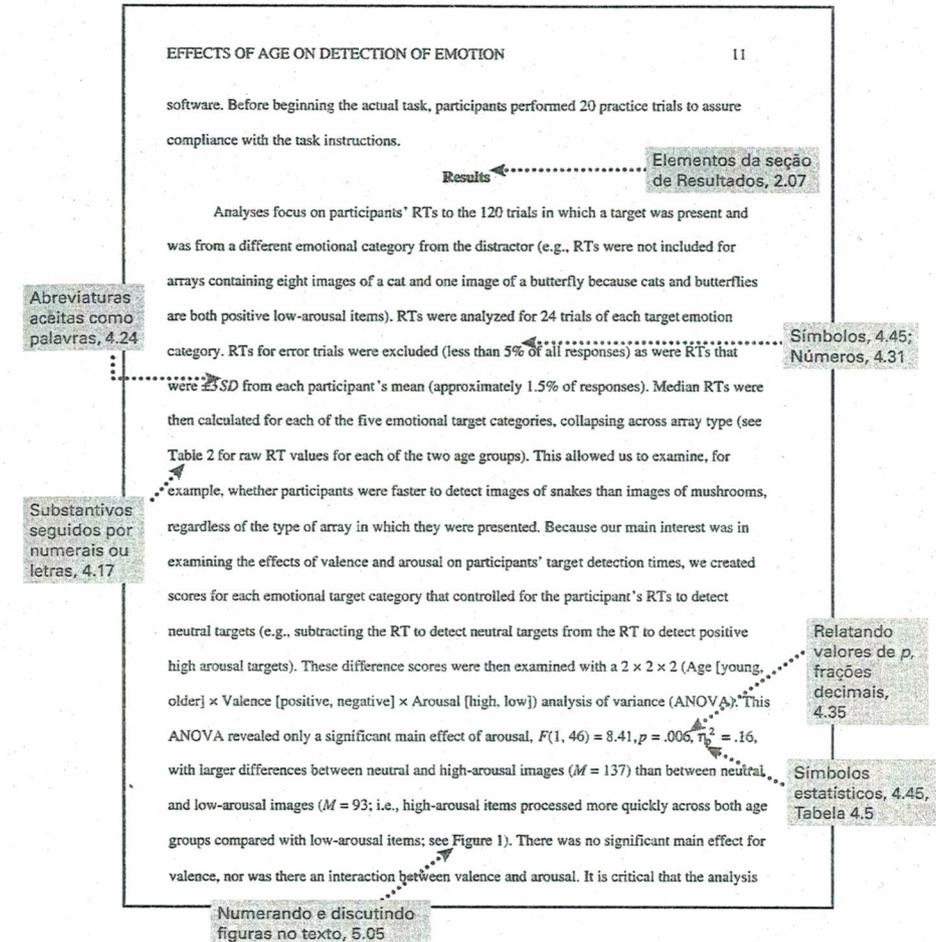
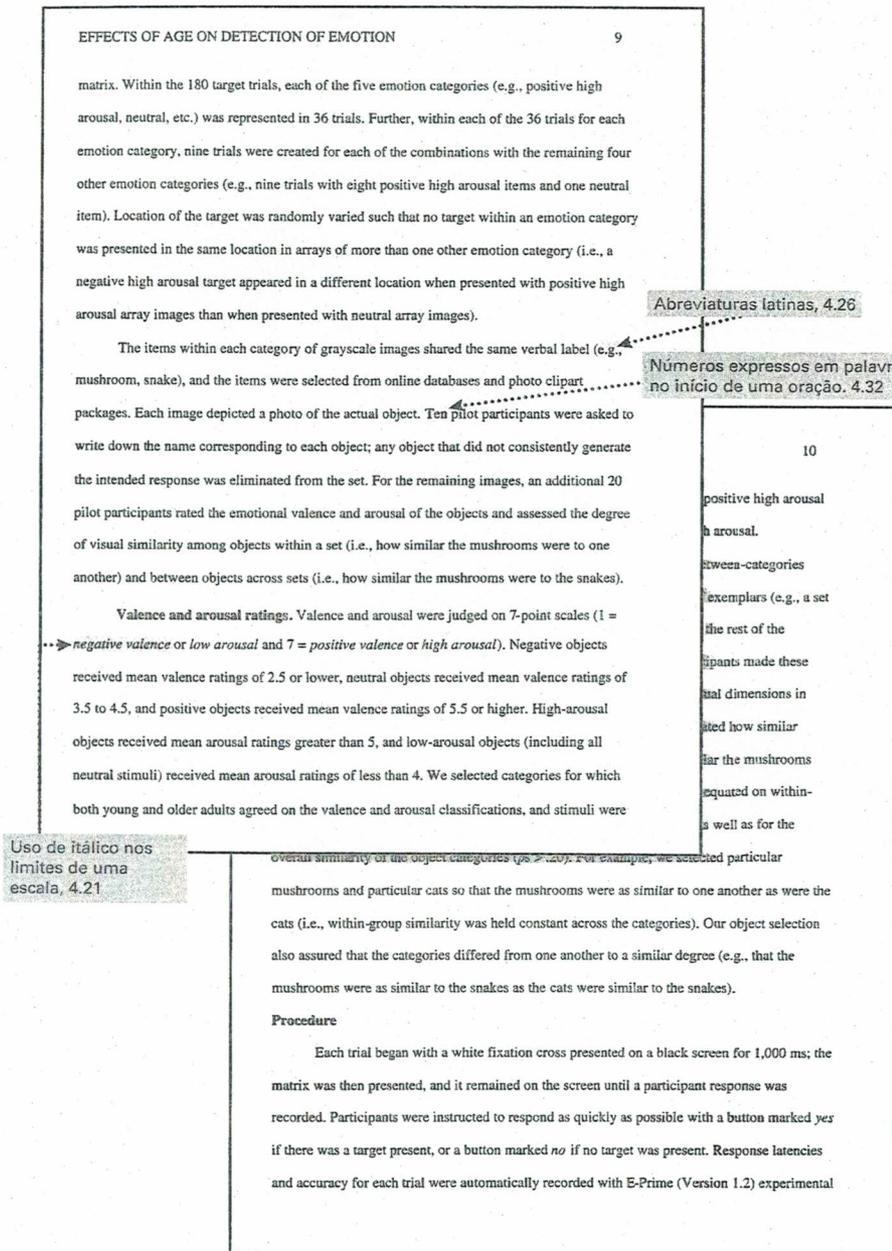


FIGURA 2.1

Exemplo de artigo com um experimento (continuação).

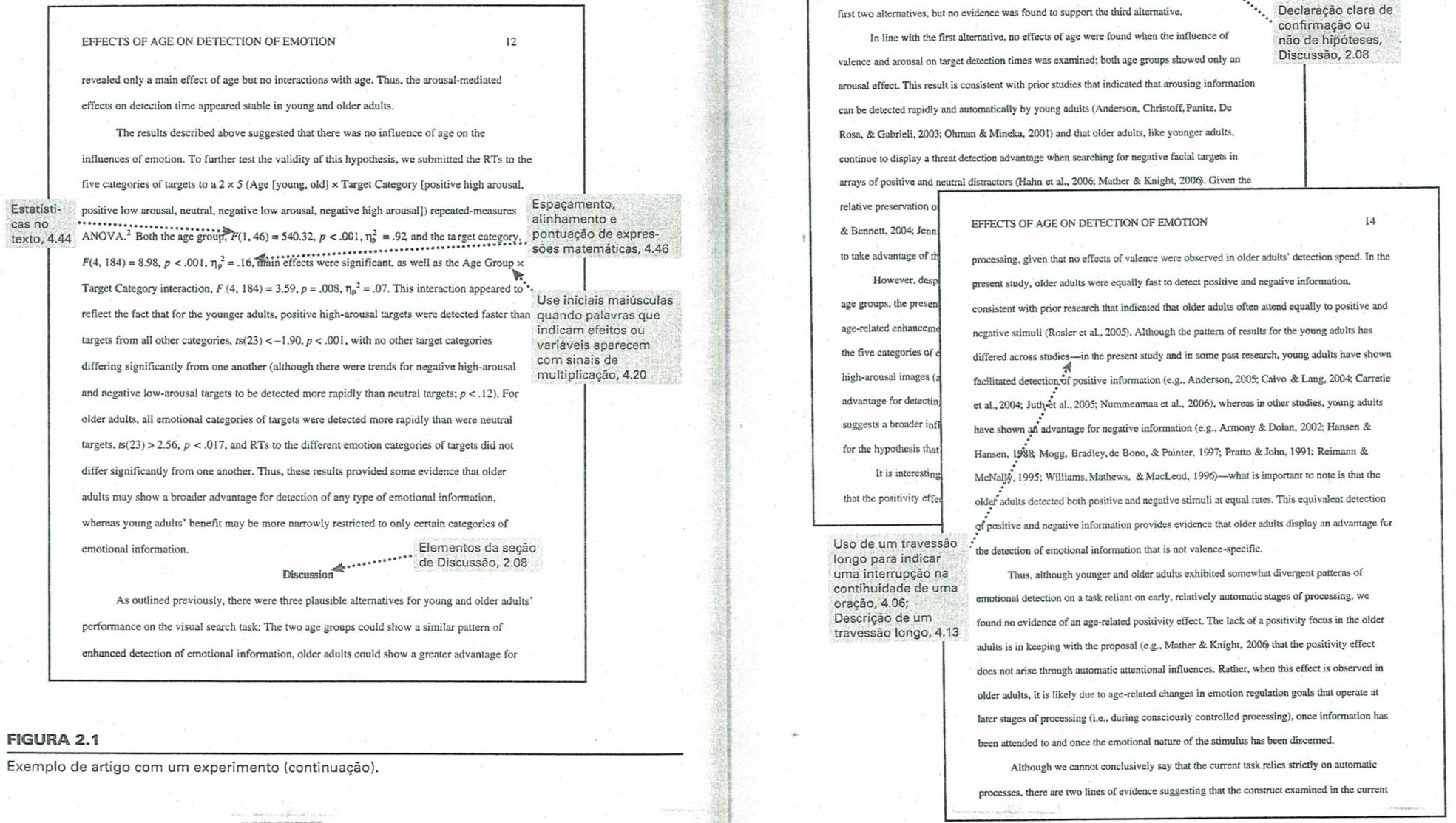


FIGURA 2.1
Exemplo de artigo com um experimento (continuação).

EFFECTS OF AGE ON DETECTION OF EMOTION 15

research examines relatively automatic processing. First, in their previous work, Ohman et al. (2001) compared RTs with both 2 × 2 and 3 × 3 arrays. No significant RT differences based on the number of images presented in the arrays were found. Second, in both Ohman et al.'s (2001) study and the present study, analyses were performed to examine the influence of target location on RT. Across both studies, and across both age groups in the current work, emotional targets were detected more quickly than were neutral targets, regardless of their location. Together, these findings suggest that task performance is dependent on relatively automatic detection processes rather than on controlled search processes.

Although further work is required to gain a more complete understanding of the age-related changes in the early processing of emotional information, our findings indicate that

young and older adults study provides further of emotional images a (Fleischman et al., 200 although there is evidence information (e.g., Car present results suggest tasks require relatively

Uso de construção paralela com conjunções coordenativas usadas em pares, 3.23

Seção de discussão terminando com comentários sobre a importância dos resultados, 2.08

EFFECTS OF AGE ON DETECTION OF EMOTION 16

References

Construção de uma lista de referências precisa e completa, 6.22; Descrição geral das referências, 2.11

- Anderson, A. K. (2005). Affective influences on the attentional dynamics supporting awareness. *Journal of Experimental Psychology: General*, *134*, 258-281. doi:10.1037/0096-3445.134.2.258
- Anderson, A. K., Christoff, K., Panitz, D., De Rosa, E., & Gabrieli, J. D. E. (2003). Neural correlates of the automatic processing of threat facial signals. *Journal of Neuroscience*, *23*, 5627-5633.
- Armory, J. L., & Dolan, R. J. (2002). Modulation of spatial attention by fear-conditioned stimuli: An event-related fMRI study. *Neuropsychologia*, *40*, 817-826. doi:10.1016/S0028-3932(02)00178-6
- Beck, A. T., Epstein, N., Brown, G., & Steer, R. A. (1988). An inventory for measuring clinical anxiety: Psychometric properties. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, *56*, 893-897. doi:10.1037/0022-006X.56.6.893
- Calvo, M. G., & Lang, P. J. (2004). Gaze patterns when looking at emotional pictures: Motivationally biased attention. *Motivation and Emotion*, *28*, 221-243. doi:10.1023/B:3AMOEM.0000040153.26156.ed
- Carrette, L., Hinojosa, J. A., Martin-Loeches, M., Mécado, F., & Tapia, M. (2004). Automatic attention to emotional stimuli: Neural correlates. *Human Brain Mapping*, *22*, 290-299. doi:10.1002/hbm.20037
- Carstensen, L. L. (1992). Social and emotional patterns in adulthood: Support for socioemotional selectivity theory. *Psychology and Aging*, *7*, 331-338. doi:10.1037/0882-7974.7.3.331
- Carstensen, L. L., Fung, H., & Charles, S. (2003). Socioemotional selectivity theory and the regulation of emotion in the second half of life. *Motivation and Emotion*, *27*, 103-123.

EFFECTS OF AGE ON DETECTION OF EMOTION 17

Carstensen, L. L., & Mikels, J. A. (2005). At the intersection of emotion and cognition: Aging and the positivity effect. *Current Directions in Psychological Science*, *14*, 117-121. doi:10.1111/j.0963-7214.2005.00348.x

Charles, S. T., Mather, M., & Carstensen, L. L. (2003). Aging and emotional memory: The

forgettable na

Psychology: C

Chow, T. W., & Curr

Aggleton (Ed

Oxford Unive

Davis, M., & Whalen

EFFECTS OF AGE ON DETECTION OF EMOTION 18

Grüth, D., Smith, J., & Baltes, P. B. (2005). No aging bias favoring memory for positive material: Evidence from a heterogeneity-homogeneity list paradigm using emotionally toned words. *Psychology and Aging*, *20*, 579-588. doi:10.1037/0882-7974.20.4.579

Hahn, S., Carlson, C., Singer, S., & Gronlund, S. D. (2006). Aging and visual search: Automatic

EFFECTS OF AGE ON DETECTION OF EMOTION 19

Kensinger, E. A., Brierley, B., Medford, N., Growdon, J. H., & Corkin, S. (2002). Effects of normal aging and Alzheimer's disease on emotional memory. *Emotion*, *2*, 118-134. doi:10.1037/1528-3542.2.2.118

Lang, P. J., Bradley, M. M., & Cuthbert, B. N. (1997). Motivated attention: Affect, activation, and action. In P. J. Lang, R. F. Simons, & M. Balaban (Eds.), *Attention and orienting: Sensory and motivational processes* (pp. 97-135). Mahwah, NJ: Erlbaum.

Leclerc, C. M., & Hess, T. M. (2005, August). *Age differences in processing of affectively primed information*. Poster session presented at the 113th Annual Convention of the American Psychological Association, Washington, DC.

LeDoux, J. E. (1995). Emotion: Clues from the brain. *Annual Review of Psychology*, *46*, 209-235. doi:10.1146/annurev.ps.46.020195.001233

Mather, M., & Knight, M. (2005). Goal-directed memory: The role of cognitive control in older adults' emotional memory. *Psychology and Aging*, *20*, 554-570. doi:10.1037/0882-7974.20.4.554

Mather, M., & Knight, M. R. (2006). Angry faces get noticed quickly: Threat detection is not impaired among older adults. *Journals of Gerontology, Series B: Psychological Sciences*, *61B*, P54-P57.

Mogg, K., Bradley, B. P., de Bono, J., & Painter, M. (1997). Time course of attentional bias for threat information in non-clinical anxiety. *Behavioral Research Therapy*, *35*, 297-303.

Nelson, H. E. (1976). A modified Wisconsin card sorting test sensitive to frontal lobe defects. *Cortex*, *12*, 313-324.

Identificador de objeto digital como identificador do artigo, 6.31; Exemplo de referência a um periódico, 7.01

Exemplo de referência a um capítulo de livro, versão impressa, no DOI, 7.02, Exemplo 25

EFFECTS OF AGE ON DETECTION OF EMOTION

20

Nummenmaa, L., Hyona, J., & Calvo, M. G. (2006). Eye movement assessment of selective attentional capture by emotional pictures. *Emotion, 6*, 257-268. doi:10.1037/1528-

3542.6.2.257

Artigo com mais de sete autores, 7.01, Exemplo 2

Ohman, A., Flykt, A., & Esteves, F. (2001). Emotion drives attention: Detecting the snake in the

EFFECTS OF AGE ON DETECTION OF EMOTION

21

Rosler, A., Ulrich, C., Billino, J., Sterzer, P., Weidauer, S., Bernhard, T., ... Kleinschmidt, A.

(2005). Effects of arousing emotional scenes on the distribution of visuospatial attention: Changes with aging and early subcortical vascular dementia. *Journal of the Neurological Sciences, 229*, 109-116. doi:10.1016/j.jns.2004.11.007

Shipley, W. C. (1986). *Shipley Institute of Living Scale*. Los Angeles, CA: Western Psychological Services.

Spielberger, C. D., Gorsuch, R. L., Lushene, P. R., Vagg, P. R., & Jacobs, P. G. (1970). *Manual for the State-Trait Anxiety Inventory*. Palo Alto, CA: Consulting Psychologists Press.

Weschler, D. (1987). *Manual for the Wechsler Adult Intelligence Scale—III*. New York, NY: The Psychological Corporation.

Weschler, D. (1997). *Manual for the Wechsler Memory Scale—III*. New York, NY: The Psychological Corporation.

West, R. L. (1996). *Manual for the Wechsler Adult Intelligence Scale—III*. New York, NY: The Psychological Corporation.

Williams, J. M., Mathews, A., & Mackintosh, S. (1996). *Manual for the Wechsler Adult Intelligence Scale—III*. New York, NY: The Psychological Corporation.

Wilson, B. A., Alderman, N. E., & Baddeley, D. B. (1989). *Manual for the Wechsler Adult Intelligence Scale—III*. New York, NY: The Psychological Corporation.

Wilson, B. A., Alderman, N. E., & Baddeley, D. B. (1989). *Manual for the Wechsler Adult Intelligence Scale—III*. New York, NY: The Psychological Corporation.

Wilson, B. A., Alderman, N. E., & Baddeley, D. B. (1989). *Manual for the Wechsler Adult Intelligence Scale—III*. New York, NY: The Psychological Corporation.

Wilson, B. A., Alderman, N. E., & Baddeley, D. B. (1989). *Manual for the Wechsler Adult Intelligence Scale—III*. New York, NY: The Psychological Corporation.

Wilson, B. A., Alderman, N. E., & Baddeley, D. B. (1989). *Manual for the Wechsler Adult Intelligence Scale—III*. New York, NY: The Psychological Corporation.

Wilson, B. A., Alderman, N. E., & Baddeley, D. B. (1989). *Manual for the Wechsler Adult Intelligence Scale—III*. New York, NY: The Psychological Corporation.

Wilson, B. A., Alderman, N. E., & Baddeley, D. B. (1989). *Manual for the Wechsler Adult Intelligence Scale—III*. New York, NY: The Psychological Corporation.

Wilson, B. A., Alderman, N. E., & Baddeley, D. B. (1989). *Manual for the Wechsler Adult Intelligence Scale—III*. New York, NY: The Psychological Corporation.

EFFECTS OF AGE ON DETECTION OF EMOTION

22

Footnotes ← Posição e formato de notas de rodapé, 2.12

¹Analyses of covariance were conducted with these covariates, with no resulting influences of these variables on the pattern or magnitude of the results.

²These data were also analyzed with a 2 × 5 ANOVA to examine the effect of target category when presented only in arrays containing neutral images, with the results remaining qualitatively the same. More broadly, the effects of emotion on target detection were not qualitatively impacted by the distractor category.

EFFECTS OF AGE ON DETECTION OF EMOTION

23

Table 1

Participant Characteristics

Measure	Younger group		Older group		F(1, 46)	p
	M	SD	M	SD		
Years of education	13.92	1.28	16.33	2.43	18.62	<.001
Beck Anxiety Inventory	9.39	5.34	6.25	6.06	3.54	.066
BADS-DEX	20.79	7.58	13.38	8.29	10.46	.002
STAI-State	45.79	4.44	47.08	3.48	1.07	.306
STAI-Trait	45.64	4.50	45.58	3.15	0.02	.963
Digit Symbol Substitution	49.62	7.18	31.58	6.56	77.52	<.001
Generative naming	46.95	9.70	47.17	12.98	.004	.951
Vocabulary	33.00	3.52	35.25	3.70	4.33	.043
Digit Span-Backward	8.81	2.09	8.25	2.15	0.78	.383
Arithmetic	16.14	2.75	14.96	3.11	1.84	.182
Mental Control	32.32	3.82	23.75	5.13	40.60	<.001
Self-Ordered Pointing	1.73	2.53	9.25	9.40	13.18	.001
WCST perseverative errors	0.36	0.66	1.83	3.23	4.39	.042

Selecionando uma apresentação efetiva, 4.41; Organização lógica e efetiva de uma tabela, 5.08

EFFECTS

Table 2

Raw Resp

Category

Positive I

Positive II

Neutral

Negative

Negative

Note. Val

of the sam

positive h

arousal, an

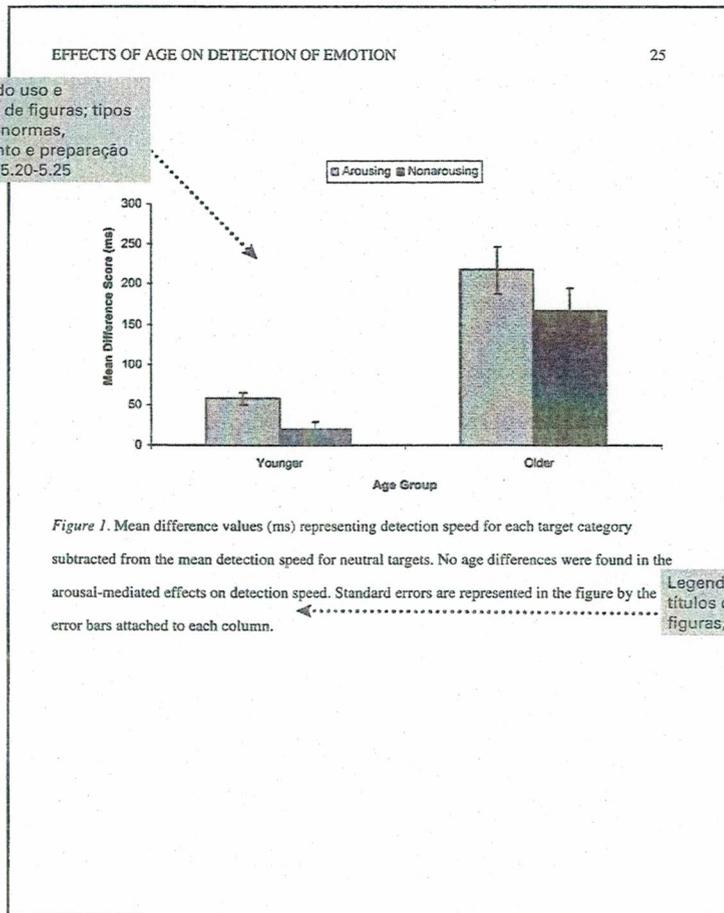
recorded i

Note. The Beck Anxiety Inventory is from Beck et al. (1988); the Behavioral Assessment of the Dysexecutive Syndrome—Dysexecutive Questionnaire (BADS-DEX) is from Wilson et al. (1996); the State-Trait Anxiety Inventory (STAI) measures are from Spielberger et al. (1970); and the Digit Symbol Substitution, Digit Span-Backward, and Arithmetic Wechsler Adult Intelligence Scale—III and Wechsler Memory Scale—III measures are from Wechsler (1997). Generative naming scores represent the total number of words produced in 60 s each for letter F, A, and S. The Vocabulary measure is from Shipley (1986); the Mental Control measure is from Wechsler (1987); the Self-Ordered Pointing measure was adapted from Petrides and Milner (1982); and the Wisconsin Card Sorting Task (WCST) measure is from Nelson (1976).

All values represent raw, nonstandardized scores.

Elementos de notas de tabelas, 5.16

Princípios do uso e construção de figuras; tipos de figuras; normas, planejamento e preparação de figuras, 5.20-5.25



Legendas e títulos de figuras, 5.23

FIGURA 2.1

Exemplo de artigo com um experimento (continuação).

INHIBITORY INFLUENCES ON ASYCHRONY

3

Inhibitory Influences on Asynchrony as a Cue for Auditory Segregation

Auditory grouping involves the formation of auditory objects from the sound mixture reaching the ears. The cues used to integrate or segregate these sounds and so form auditory objects have been defined by several authors (e.g., Bregman, 1990; Darwin, 1997; Darwin & Carlyon, 1995). The key acoustic cues for segregating concurrent acoustic elements are differences in onset time (e.g., Dannenbring & Bregman, 1978; Rasch, 1978) and harmonic relations (e.g., Brunstrom & Roberts, 1998; Moore, Glasberg, & Peters, 1986). In an example of the importance of onset time, Darwin (1984a, 1984b) showed that increasing the level of a harmonic near the first formant (F1) frequency by adding a synchronous pure tone changes the phonetic quality of a vowel. However, when the added tone began a few hundred milliseconds before the vowel, it was essentially removed from the vowel percept.... [section continues].

General Method ←..... Elementos de estudos empíricos, 1.01

Overview

In the experiments reported here, we used a paradigm developed by Darwin to assess the perceptual integration of additional energy in the F1 region of a vowel through its effect on phonetic quality (Darwin, 1984a, 1984b; Darwin & Sutherland, 1984)... [section continues].

Stimuli

Amplitude and phase values for the vowel harmonics were obtained from the vocal-tract transfer function using cascaded formant resonators (Klatt, 1980). F1 values varied in 10-Hz steps from 360–550 Hz—except in Experiment 3, which used values from 350–540 Hz—to produce a continuum of 20 tokens... [section continues].

Listeners

FIGURA 2.2

Exemplo de artigo com dois experimentos (continua). (Os números indicam as seções numeradas no *Manual de Publicação*. Este manuscrito reduzido ilustra a estrutura organizacional característica de artigos com múltiplos experimentos. Evidentemente, um artigo de um trabalho com múltiplos experimentos incluiria uma página de título, uma página de *abstract* e assim por diante.) Artigo adaptado de "Inhibitory Influences on Asynchrony as a Cue for Auditory Segregation", de S.D. Holmes e B. Roberts, 2006, *Journal of Experimental Psychology: Human Perception and Performance*, 32, pp. 1231-1242. Copyright 2006 by the American Psychological Association.

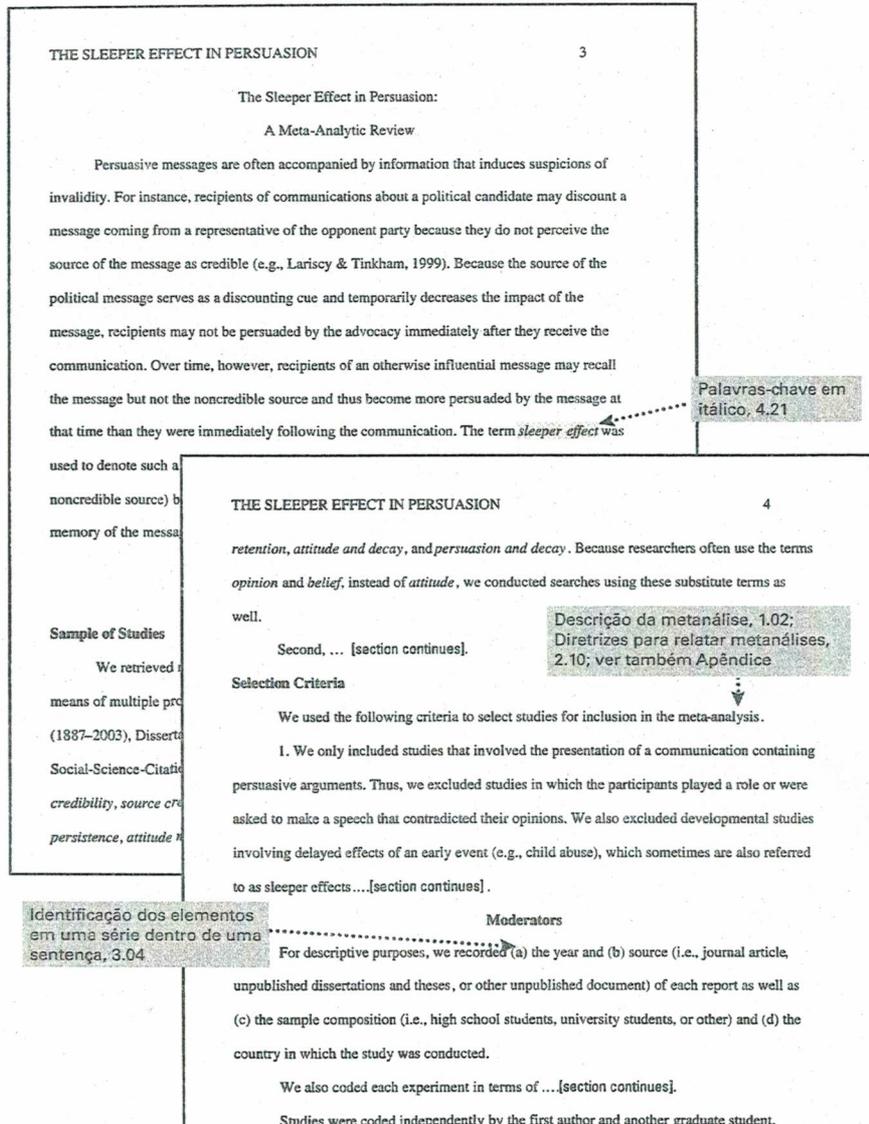


FIGURA 2.3

Exemplo de metanálise (continua). (Os números indicam as seções numeradas no Manual de Publicação. Este manuscrito reduzido ilustra a estrutura organizacional característica de relatos de metanálises. Evidentemente, uma metanálise completa incluiria uma página de título, uma página de abstract

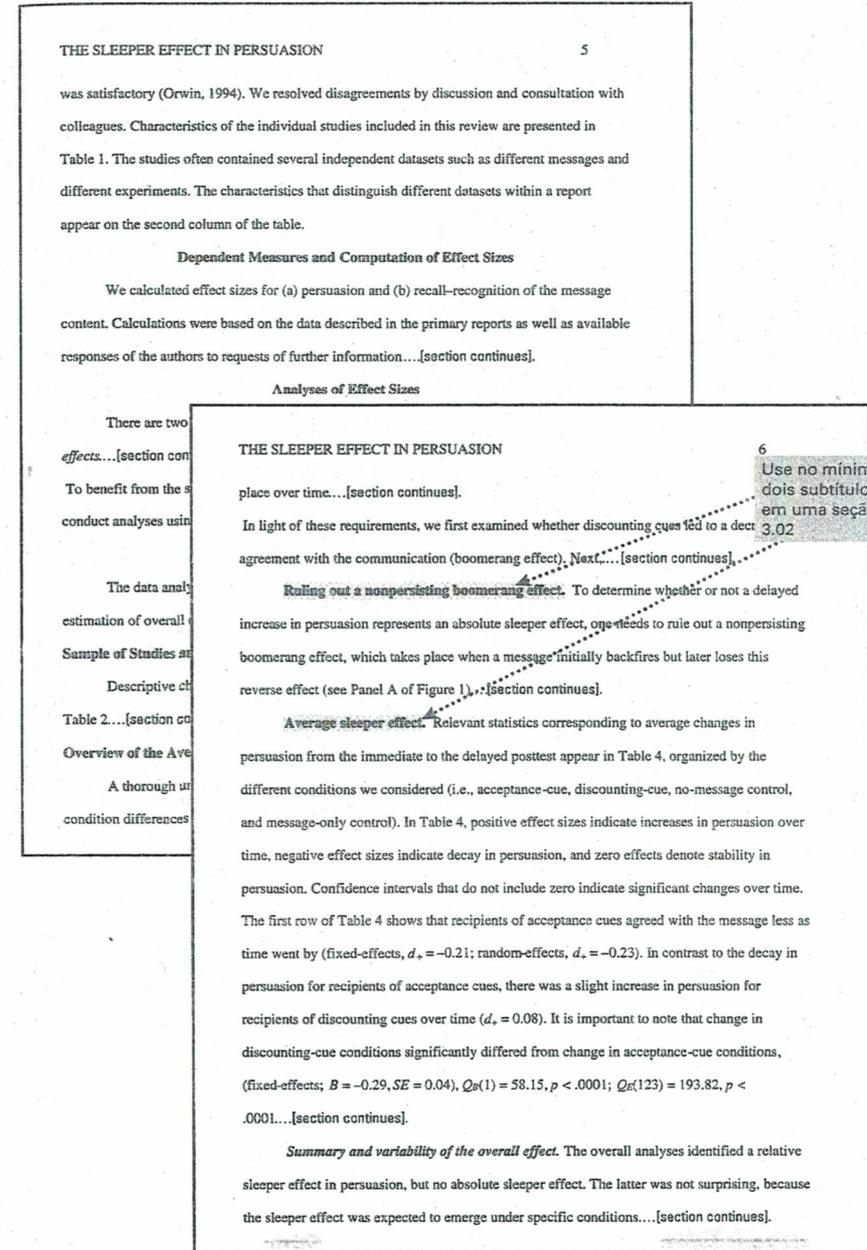


FIGURA 2.3